

DEPOSITO LEGAL



# CARNAVAL DE 1933



Conheces-me?

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.ª  
 Redacção e Administração, Rua do Almada, 107-2.º  
 Telefone, 1819—PORTO  
 Composto e impresso na Imprensa Portuguesa, :::: Rua Formosa, 116 ::::  
 EDITOR:  
 E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:  
 Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha  
 Director artístico e secretário da redacção:  
 Octávio Sérgio

Condições de assinatura:  
**Continente e Ilhas**  
 Ano . . . . . 40\$00  
 Semestre . . . . . 24\$00  
**Colónias**  
 Ano . . . . . 50\$00  
 Registado . . . . . 70\$00  
**Estrangeiro**  
 Ano . . . . . 60\$00  
 Registado . . . . . 100\$00  
 Número avulso 1 escudo  
 Anúncios: Preços convencionais

# Colecção PARA TODOS

A melhor serie de romances, dos mais interessantes autores estrangeiros, de Aventuras de Amor, Policiais e Históricos, Literatura são

Preço de cada volume em todas as Livrarias

**BROCH. 12\$50 — ENC. 17\$50**

**Rafael Sabatini**  
 (o Dumas moderno)

- Scaramouche fazedor de Reis
- O Capitão Blood
- A Volta do Capitão Blood
- O Gavião do Mar
- O Príncipe Romântico
- O Grande Amor

**Baronesa Orczy**

- O Pimpinela Escarlata
- A Vitória do Pimpinela Escarlata
- Novas aventuras do Pimpinela Escarlata
- Sir Percy
- Eu me vingarei
- O Tirano
- Eldorado
- Rosamaria

**Edgar Wallace**

- O Milhão Perdido
- O Gabinete n.º 13
- O Vingador
- O Comandante de almas
- O Apartamento n.º 2

Um Perfil na Sombra  
 O Leão da Bólsa  
 A Serpente de Plumas

**E. M. Hull**

- O Filho do Sheik
- O Sheik

**Elynor Glin**

Macho e Fêmea

**P. C. Wren**

- Beau Geste
- Beau Sabreur

**E. Barrington**

A Divina Dama

**Conan Doyle**

- A Cidade Submaria
- A Caixa Sinistra

**Jak London**

Aventureira

**LUÍS EDMUNDO**

## O RIO DE JANEIRO NO TEMPO DOS VICE-REIS

Cvriosa reportagem histórica, reconstrução da vida social brasileira durante o vice-reinado do Brasil no Rio de Janeiro, 1763-1808.

Um grosso volume com mais de 500 páginas, grande formato e cerca de 300 ilustrações, na maioria originaes dos pintores brasileiros Wash Rodrigues, Henrique Cavaleiro, Marques Júnior, Carlos e Rodolfo Chambeland. Reconstituições feitas através documentos históricos. **Hors-Textes** reproduzindo estampas do tempo, telas, bem como outros aspectos da Arte portuguesa no Brasil Colonial. Luxuosa impressão

**Assuntos do livro:** A cidade colonial. A gente Ruas, praças vielas e alfurjas. Lojas, Mercadores e seus caixeiros. Ambulantes, Mendigos. Escravos. Procissões, Igrejas. Sentimento religioso da massa. Padres, Frades. Irmãos da opa. Nosso Pal. A casa e sua arquitectura. A morada por dentro. Mobilário. Criados. Cozinha e mesa. Donos e donas de casa. Nascimento, infância, adolescência e educação de sinhasinha. Namoro e casamento. As cortezias e obrigações na sociedade. A moda. Os elegantes do tempo. Médicos-Cirurgiões. Barbeiros. Parteiras. Dentistas. Algebristas. Sangradores. Feticieiros. Santos cura. dores. Festas populares. Alegorias. Carvahadas-Touradas. Congadas, Separação da Velha. As folhas do Divino. Outras diversões populares. Teatro. Actores. Espectadores. Plateias. Peças. Teatrinhos de bonecos. Justiça. Juizes. Causas. Advogados. Pelourinhos e força.

**Um volume brochado pesando 1:600 gramas 75\$00**

## Direito de Família dos Soviets

Por **VICENTE RÃO**

Contendo o código das leis de casamento, da família e da tutela, traduzido e comentado. 2.ª edição, à venda em tôdas as Livrarias.

**PREÇO: 20\$00**

PEDIDOS À

**Livraria Avelar Machado**

Rua Poço dos Negros, 19-21 — LISBOA

**LIVRARIA AVELAR MACHADO**

Rua Poço dos Negros, 21 — LISBOA

**LIVRARIA CIVILIZAÇÃO**

Rua do Almada, 107-2.º — PORTO

**À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS**



# Factos e prestações

## Crónica anacrónica

Pedem-me da Redacção que escolha para tema de esta crónica um assunto bem carnavalesco. Não me há de ser difícil. Pois que vivemos em Carnaval pegado, creio que me bastará lançar os olhos para qualquer jornal. Abramos o *Janeiro*, ao acaso. Cá está: *A grande luta entre Espinho e a Vila da Feira, ou a Guerra do Alecrim e a Mangerona*.

A Vila da Feira foi, pelos modos, a mangerona, que deixou criar ao seu lado, no mesmo vaso, um alecrinzito, a princípio raquítico e enfezado, que mais parecia um acúleo de cardo. Por isso se chamou Espinho. Mas o alecrim foi crescendo, crescendo, até que um belo dia lhe surgiram ganas de autonomizar-se, passando a viver em vaso à parte.

Fizeram-lhe a vontade. Transplantaram-no. De simples freguesia, armou em conchelo. Um conchelo minúsculo, constituído pela própria sede. Uma coisa assim como o partido do sr. Cunha Leal, que tem por soldados o próprio chefe. Mas se quem muito pede muito consegue, quem muito consegue muito mais pede. A alturas tantas, Espinho pediu umas freguesiazitas que se espalhavam à sua volta. Deram-lhas. E agora, quer ser cabeça de comarca, defraudando mais uma vez a complacente Feira.

Complacente, até agora. Mas não está disposta a continuar a sê-lo. Farta de tanto dar, a Feira resolveu fechar a bolsa. Mas Espinho insiste, e veio para os jornais fazer a propaganda da sua pretensão, empregando argumentos que os da Feira procuram rebater.

Dizem os de Espinho: *constituimos uma grande cidade de cerca de 10:000 habitantes, abrangendo uma área enorme constituindo a primeira praia do norte. E abrigamos no nosso seio nada menos de 8 advogados. Temos o direito, portanto, de sermos arvora-dos em comarca.*

E' com isto que Espinho vem à Feira, procurando vender o seu peixe. E devemos confessar que os argumentos são de peso. Atrevo-me a supor, mesmo, que quando Nova-York, Londres, Berlim, Moscovo, Pekim e Paris souberem que existe em Portugal uma grande cidade com perto de dez mil habitantes, cairão de cócoras, de pura admiração e inveja. Entre os grandes aglomerados humanos, Espinho ficará d'ora-

-avante, à frente das estatísticas, como um verdadeiro espinho cravado na arrogância de essas macrópoles modernas. É o próprio Pôrto se há de sentir um bocado inquieto, ao ter conhecimento de que aqui ao lado, a meia hora de comboio, vive e alastra uma grande cidade, capaz de lhe papar um dia a capital do distrito, como se prepara para engulir de um trago a sede da comarca.

Quanto à área de Espinho, dizem os seus contraditores que ela não vai além de dois quilómetros quadrados. Se calhar, é calúnia. Mas pode ser. Também Cartago, a importantíssima cidade mediterrânica que chegou a atemorizar a própria Roma, foi edificado, como é universalmente sabido, no espaço de terreno ocupado por uma pele de boi. Convenhamos em que Espinho foi erguido sobre uma pele de carneiro, ou mesmo de elefante, — tanto mais que os povoados, como os homens, não se medem aos palmos.

No que respeita a ser Espinho a primeira praia do norte do país, pedimos licença para dizer que êste assêrto é menos verdadeiro. A primeira praia do Norte é Moledo do Minho; a segunda Ancora; a terceira Viana; e assim sucessivamente. E' isto, pelo menos, o que nos diz o mapa de Portugal.

Mas que importa, para o caso da instituição de uma comarca, que Espinho seja praia ou não? Acaso os juizes da primeira instância sofrerão tanto de linfatismo que precisem de banhos de mar? E porventura os escrivães de direito necessitarão de banhos de sol opulento em raios ultravioletas, como o da costa marítima?

Esqueceu-lhes, afinal, o grande argumento: que Espinho tem jôgo de azar, enquanto a Vila da Feira não usoufrui êsse direito. E há magistrados e funcionários judiciais que se pelam por uma batotinha pacata. De resto, a justiça é também, um pouco, como a roleta. Põe-se a bolinha a girar, e vai parar onde Deus quiser. Tudo uma questão de sorte, e, às vezes, de se poder dobrar a parada...

\*

Mas, afinal, terá razão a Vila da Feira em troçar dos dez mil habitantes de Espinho, três mil dos quais são

constituídos pela afluência estival dos banhistas? Suponho que não, atendendo a que a Feira conta apenas 2:600 almas, sendo de 200 a sua população flutuante. E', inegavelmente, uma Feira pouco concorrida e onde a gente se não atropela. Para mais, o seu progresso é lento. Se agora ressuscitassem os moradores da antiga Vila de Santa Maria, não se mostrariam grandemente espantados com as transformações sofridas. Enquanto que Espinho tem ido de vento em pôpa, com os seus banhistas, as suas pescarias e as suas conservas. Não admira, portanto, que puxe a brasa para a sua sardinha.

Está neste ponto a questão. Vencerá o secular castelo gótico, ou a fábrica de Brandão Gomes? O futuro o dirá. De resto, a MARIA RITA mantém-se neutral no aceso prélio. Lamenta apenas, como contribuinte, que se crie mais uma comarca quando tantas outras foram extintas por economia.

Marcial JORDÃO.



## Actualidades

*Onde vais, José Fanado  
Tão macambuzio e triste?  
Ai! meu caro, jamais viste  
Do que eu maior desprezado!  
Da dita os feros desgostos  
Tenho com desdem sofrido,  
Té que enfim hei resolvido  
Por um têrmo a falsos gostos...  
Da sorte fujo às desfilas  
Corro à morte mui sereno  
Mas para comprar veneno  
Empresta cá — cinco filas...*

Lemos de ALBERGARIA.

## Balancete da semana

Dizem que «Carnaval» vem do latim: *Carne, valè*, — adeus, carne. Se é assim, batia certo nesse tempo antigo, que para sempre abençoado seja, em que o povo era amigo de obedecer à Santa Madre Igreja. Indivíduo nenhum, receando o Diabo, essa aventesma, deixava de cumprir o seu jejum nas seis longas semanas da Quaresma. Mas hoje, com a Bula e o Livre Pensamento, floresce com o máximo incremento o pecado da gula. Quem há que deixe a Carne nesses dias, para imitar Jesus, que no deserto desceu às mais modestas iguarias, com maus jantares e um almôço incerto? Só o Doutor Amílcar, que jejua desde que se conhece, e que detesta a Carne — assada, bem cozida ou crua — como coisa indigesta.

\*  
\*   \*

Mas são poucos, enfim, os que desprezam o sávido manjar que muitos comem, embora o catecismo, quando rezam, o inclua entre os inimigos do homem. A Carne, que delícia! que coisa saborosa! Mais agradável do que uma carícia! mais tentadora que um botão de rosa! Vejam vocês o poeta Alfredo Cunha que o alaúde empunha de monóculo franzindo o alvo sobrôlho. Já não é novo, mas aveza *parue*. Por isso come carne, com tanto gôsto, que nem deixa o mólho. E o Aníbal de Moraes, como se atira ao pérfido inimigo! Em vendo carne boa, até delira; e muito embora não dedilhe a lira, quanto mais fresca, mais lhe chama um figo!

\*  
\*   \*

Enfim: o Mundo está numa anarquia e decai de semana p'ra semana. O Diabo padece de anemia: anda triste, esquelético e parrana. Só a Carne triunfa, soberana, rainha de uma eterna monarquia! Dizer-lhe adeus, quem pode? Quem se atreve a pô-la assim de parte, num momento, substituindo-a por manjar mais leve e menos suculento? Amigos meus! Comei-a! Quem pudera cravar-lhe os dentes, num furor de fera, embora faça mal! Olhai que vem aí a Primavera. Se entra a Quaresma, — siga o Carnaval!

Pousa aqui... pousa ali...

## Os «como eu vi...» do Sr. Carlos Santos

Apareceu de novo nos escaparates das livrarias o nosso amigo Carlos Santos, por alcunha o «Como eu vi». Desta vez serve-nos quatrocentas-e-tantas páginas de pimentos morrones, acompanhadas de aniz del mono e de azeitonas de Sevilha. Já tínhamos os livros «Espanha» e «Viagens a Espanha», de Antero de Figueiredo e Anselmo de Andrade, respectivamente. Mas isso é zero diante do último «Como eu vi...» do ilustre professor e caixeiro-viajante da nossa literatura ferro-viária, de via reduzida.

De quando em vez, o pássaro Carlos Santos, ergue o seu bico de cegonha, rebola os seus olhinhos de pombo mariola, e, abrindo as àsas da fantasia por cima dos afamados Baedeker's, vai depenicando aqui e acolá, para depois nos largar lá de cima da sua inteligência, volumes de treze onças, como as luvas do boxeur Carnera.

## O Pôrto grosseirão O prémio Nobel

«Como eu vi...» «como eu vi...». Ora todos nós sabemos como êle vê os vários países que percorre, àvido de civilização e de arte. Sua Ex.<sup>a</sup> vê tudo através dos seus óculos anti-patrióticos, obscurecidos pela poeira da vaidade e bezuntados com as dedadas dum exibicionismo provinciano. Desta vez deu-lhe para maltratar o Pôrto, o Pôrto grosseirão e malcriado que não tem respeito nenhum pelo Sr. Carlos Santos, que o enxovalha, que o maltrata, que o ridiculariza e se esquece de o apontar, recomendando-o para o prémio Nobel, prémio a que o ilustre polígrafo dos caminhos de ferro tinha incontestável direito. O Pôrto! O Pôrto! A cloaca máxima onde o Sr. Carlos Santos despeja os seus livros!

Sabes como eu vi a Espanha?  
Talvez o não saibas tu.  
Foi c'os dois olhos da cara  
E mais um outro...

## Sua Ex.<sup>a</sup> em Mérida Mandaram-no ir...

O Sr. Carlos Santos encontrou em Mérida o máximo da delicadeza e da polidez encarnada num modesto cidadão espanhol. Em Portugal são todos uns malandrões, uns ignorantes, uns galegos! Na Espanha, sim. Quando souberam que ia chegar a Mérida o ilustre escritor, todos os Méridenses vieram para a rua em aclamações entusiásticas ao sábio professor. Aquilo em Mérida é que foi! E porque motivo o nosso simpático Carlos Santos foi parar a Mérida? Ele não o diz por modéstia. Mas nós sabemos-lo. Todos lhe diziam! Vá a Mérida! Vá a Mérida! E Sua Ex.<sup>a</sup> foi!

# Cortejo carnavalesco



Olha o pai Campos Monteiro  
—digo pai, porque são tantos!—  
mascarado de barbeiro  
faz a barba ao Carlos Santos ..

*(Ao Doutor nada lhe escapa  
—já fêz a barba aos da Lapa...)*

E o filho, com arte manha  
—menino Heitor não se zangue—  
se o Pérola Verde apanha,  
deixa-o sem pinta de sangue ..

*(Os «Ecos» 'stão vigilantes,  
meta a farpa, quanto antes.)*

Carvalho Barbosa vinha  
impante de realeza.  
E vestiu-se de rainha  
—de Rainha... de beleza.

*(Arnaldo Leite, em resposta,  
vestiu-se de Afonso Costa...)*

O Octávio Sérgio êste ano  
vestiu-se de «sem-trabalho».  
Na mão leva, todo ufano,  
em vez de pincel... um malho.

*(Toca a malhar nessa malta  
imbecil, torpe ou peralta.)*

No Jardim passou agora  
Mari-tudo, mascarada  
...A Senhora Dona Aurora  
ia... desorientada.

*(Qual o patife, o ateu  
que assim a pôs? Não fui eu...)*

Todos perguntam: quem é?  
—será gente, ou será bicho?  
Beatriz do Burriê  
disfarçou-se de Cochicho...

*(Amarante, Satanela.  
Beatriz, toma cautela...)*

Júlio Ribeiro cansado  
de aos irmãos peixes prègar,  
apareceu mascarado  
de egrégio parlamentar...

*(Para lamentar será  
da Pátria não ser Papá...)*

Outro Júlio, o d' Alta Roda  
vem atrás, em travesti  
de homem de génio, com tôda  
a fulgência dum... rubi.

*(O rubi... da Academia!  
Ora o Dantas — quem diria?)*

Atenção. Este é o Cupido  
que de todo o amar se abraça,  
em línguas muito sabido  
—o Senhor Cunha da Raza...

*(Orquídeas, falas brejeiras,  
—onde estão as costureiras?)*

Vai passar agora o cousa  
—siga sempre a caravana—  
Lá vem o Dantas de Sousa  
mascarado de banana...

*(Belos bifés eu diviso  
na mesa... do Paraíso.)*

Venham ver, digam quem é  
esta rosada criança.  
Que beleza de bebé  
o Marconi Vítor França!

*(Ondas dentro e ondas fora.  
Rádio de sorte... sonora.)*

Araújo, viva lá,  
porque vai assim aqui?  
—Dos Sports não gosto já  
—vesti-me de Guarany...

*(Na mão leva só a ementa  
e parece que rebenta...)*

Águia d'Ouro, penhorado,  
—só não o vê quem fôr cego—  
vai muito bem disfarçado  
numa cautela de prego...

*(Isto é fruto, feito fel,  
duns maus passos... Manuel.)*

Inácio de LANHOLA.

P. S.—Não disse, mas vou dizer  
que o Heitor Campos Monteiro,  
ia imponente a valer,  
disfarçado de toureiro  
—já que não podia ser  
disfarçado de... banqueiro.

I. de L.

## ANUNCIOS da MARIA RITA

**MADemoISELLE**— Com o curso completo de língua francesa, oferece os seus serviços. Nesta Redacção se diz.

**ALUGA-SE SMOKING**— Com bandas de sêda e uns efeitos de cebo na gola, do mais atraente conjunto. Também se arranjam condecorações.

**VENDE-SE**— Por metade do preço em que ficou, um formoso chalet na estrada de Sintra. Tem uma esplêndida vista panorâmica e está dado como inhabitável.

**AUTOMÓVEL FORD**— Vende-se um completamente em estado de novo, precisando apenas de três rodas, de outro motor e uns pequenos consêrtos na carroçerie.

## Posta restante

A. Ventura — Obrigadíssimo. Como vê teve as honras. Nunca perca destes pitêus porque a MARIA RITA faz colecção de asneiras dos outros.

Paulo de Cócoras — Levante-se homem. Levante-se e caminhe, porque a MARIA RITA já lhe fêz justiça. Cá ficamos sabendo que também colabore nos Ridículos. Era escusado dizê-lo, que até se vê por fora.

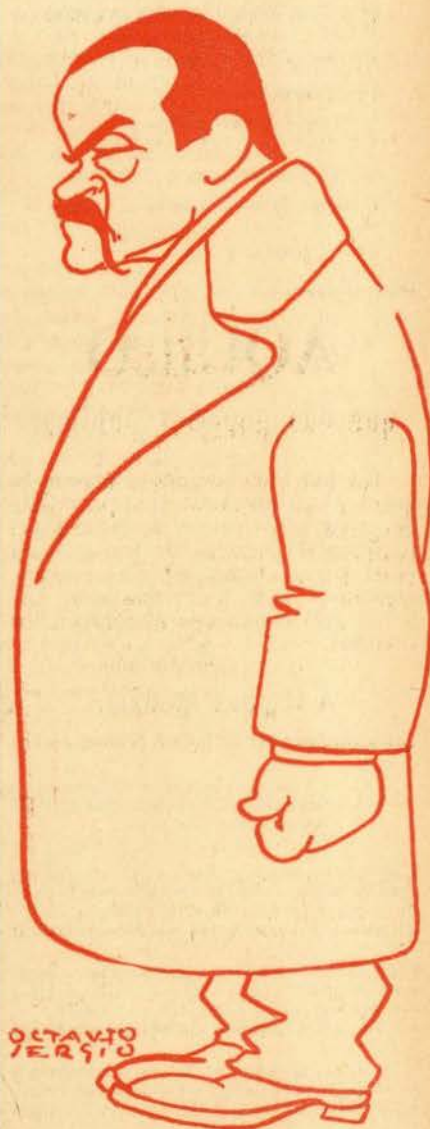
Lérias — Mande o que quiser, contanto que não faça corar ninguém, mesmo um guarda-noturno. Essa coisa do carmin está muito apertada.

Zé Guerra — Muito obrigado. Dêsses é que nós cá precisamos. Mande destas coisas que por cá há pouco disso.

## PERFIS DO PORTO

XXXVIII

HONÓRIO DE LIMA



Deu-nos a honra de vir à nossa redacção mascarado de Cônsul da Mandchuria o nosso ilustre amigo, Sr. Honório de Lima.

# HISTORIA DE UNS AMORES

Monólogo carnavalesco recitado com pleno desagrado em dois palcos públicos, partieu'ares e neutros

Personagem: CINÉFILO PURPURINADO (a rebolar-se todo)

Boa noite cá p'rá gente.  
Vocelências como estão?  
Cá ao rapaz, felizmente,  
Nada lhe causa alicião.

Já que tão quédos os vejo,  
E eu quero conquistar glória,  
Vou aproveitar o ensejo  
P'ra lhes contar uma história.

(Comovendo-se)

E' a história duns amores  
Heróicos, tristes grandiosos,  
Por vezes cheios de dores,  
Outras vezes radiosos.

Lina e Jorge amavam-se com loucura  
Desde mui novos... desde crianças...  
Nesse mútuo amor, cheio de ternura,  
Punham tóda a sua doce esperança.

Ela era linda...

(Curva-se, levando as mãos ao ventre)

Ui! Que é isto?

Que dor eu senti agora!

(Mais calmo)

Creio que hoje estou calisto,  
E se assim fôr... vou-me embora...

Era um 'stafermo...

(Levando de novo as mãos ao ventre)

Ai! Ai, a dor!

Cá está perto do umbigo!

(Lamentoso)

Por causa daquele amor,  
Eu já não sei o que digo!

(Com energia)

Não era estafermo, não!  
Era linda, era um primor;  
Era uma rosa em botão,  
Ou outra mimosa flor.

Ele, garboso, aprumado,  
Valente, maneiras finas...

(Torcendo-se novamente)

E cá 'stou ensarilhado  
Com estas dores moíñas!...

(Gritando e correndo de um para outro lado)

Ai, ai, ai! Oh!... quem me acode?  
Eu já não posso parar!  
Desta forma, ninguém pode,  
Com decência recitar...

Porque dor desta maneira,  
Dor assim como a que tenho,  
E' sinal de ca... vaqueira...

(Pausa)

'sperem aí, que eu já venho!

(Joga a mão a um papel e sai correndo)

BISNAU.

# O corvo e as papas

com cheirinho a carnaval

Era sabido: O marçano,  
Dia a dia, em todo o ano,  
Das 8 às 9 sentia  
Que a barriga lhe doía;  
Licença êle reclamava,  
O patrão licença dava.  
Corria então traz do muro  
A desligar-se do apuro...

Até aqui, isto é vulgar:  
Ter o ventre regular,  
Rebates certos sentir,  
Não é caso p'ra chorar  
E nunca foi caso p'ra rir.  
O bonito vai seguir-se  
E garanto que hão-de rir-se:

O saltitante «Vicente»,  
Um corvo negro e luzente  
Que daquele caso sabia,  
Dia a dia, em todo o ano,  
Das 8 às 9 jazia  
Ali firme e paciente  
Aguardando o tal marçano;  
E, mal o gajo toscava,  
Logo êle se perfilava  
E aos pulos, com alegria,  
Atrás do rapaz seguia...  
— Em resumo: Um largava  
E o outro logo comia!

Porcaria!!...

(Do acto porco e mofino  
Surgiu o motu-contínuo).  
Vontade o marçano sente  
De liquidar c'um calhau  
A mania impertinente  
Do passarolo bisnau;  
Mas não pode, que o plantão  
E' bicho do seu patrão.  
— Tem de gramar o tirano  
Dia a dia, em todo o ano—

Ora, como tudo é falível,  
Um dia, por excepção,  
Antecipou-se a função:  
(Resultados revulsivos  
D'água, em jejum, sóbre figos)  
E embora o triste sentisse  
Agonia torturante,  
Pensou no Corvo distante  
E rindo consigo, disse:  
— Talvez êle me não visse...  
Ficas comido, tratante!...

Mas a um corvo o seu nariz  
Muitas coisas pronto diz  
E veloz, como um avião,  
O gajo veio à função,  
Diz-lhe o rapaz à socapa:  
— Corre, corre meu casaca,  
Perfila-te aí, malvado!...  
(Guardado está o bocado  
P'ra quem o hã-de comer)  
— Boa vingança vou ter!...  
Porque hoje está tão espalhado  
Que ficarás codilhado  
Se não trouxeste colher!...

AMARAL.

## AQUILO

que não podemos publicar

No louvável intuito de fazer com que o subscritor desta obra prima deixe de gastar mais sêlos e fôlhas de papel (costuma mandar às quatro de cada vez), damos à estampa o que se segue, garantindo a V. Ex.<sup>aa</sup> que com êste foram pelo menos sete os irmãozinhos enviados.

### A Esposa Modelar

que o chegou a ser de dois... (em separado)

Soneto que dedico ao homem que me substitui junto da mulher de quem fui primeiro... esposo.

Ei-la: a minha ex-mulher, que é a tua d'hoje (eu sei) que o homem que eu fui, já: o és tu, nesta ocasião...  
Êis a mulher que amei: de todo o coração e a que hoje, o Amor, a ti te inspira, e só em ti faz Lei!

Ei-la, a minha ex-mulher... a qual eu tanto amei! e a quem eu tanto quis... co'a mais atroz... Paixão!  
Mas que hoje, só me causa tédio e... repulsão por ver, que a amas, tu... desde que a repudiei!

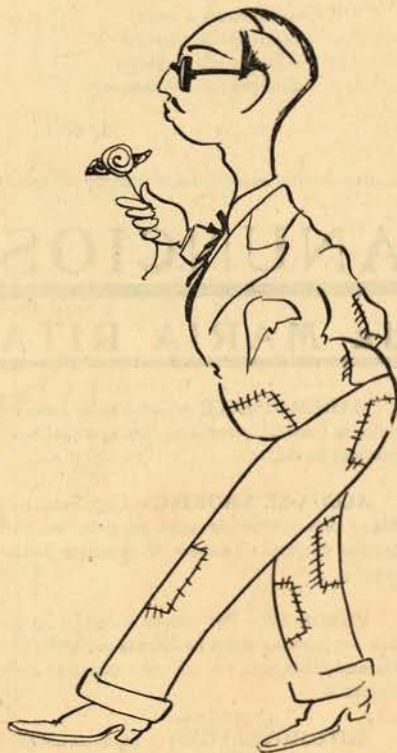
Ei-la: a, por quem hav'rás, da Dôr a hervada seta  
ei-la: a por quem serás, qual eu já fui: um Poeta:  
Cheio de Inspiração, de Amor, de Cúme e... Zêlo!

Ei-la: a Mulher Ideal — a Esposa Modelar e à qual, até podemos, ambos, dedicar: versos, feitos assim... p'lo mesmo igual... Modêlo!

Paulo de CÓCORAS.

## Tipos exóticos

O Cinéfilo



Todo roto, todo, todo...

## Retalhos... quási de graça

Continuamos a pôr fora um sem número de coisas que nos teem enviado. Só desta forma, deixando o *Ecos* a falar sòzinho pela bôca do Pérola Verde, é que conseguiremos demonstrar aos nossos amigos que não é em vão que se lembram da MARIA RITA.

Comecemos por um recorte do jornal africano *Luta de Angola*, que consegue ganhar o prémio em estupez ao *Ecos de Cacia*.

### Congratulação

Com acolhimento congratulo o termo do ano de 1932 por me haver deixado para ainda os abrothos do ano de 1933 para o tramite da calhau a sua enorme aluir-me. Que vá ela com a sua enorme calhau e com seu denominado que me deu de muloji para não ter contemplação.

Só no oxalá do dia um de Janeiro de 1933 pelo seu rasgo aurora lance matina fufu gorgoejo vindouro brinco retouca a brindar o eloquente dia o seu todo termo oferecer-nos visível a prosperos.

Como a virtude da caixa cotal mensal do aposentado para jogar nas lotarias com parco sem avidez de avido de que congratulo.

Luanda, 31 de Dezembro de 1932.

Manuel Domingos dos Santos.

Isto é de tal forma que não há comentário possível. Só afirmamos que vem assim mesmo no jornal.

E já que estamos com a mão na África, aí vai uma autêntica carta de um habitante de Muxena

Meu pae Vunge Quimbambala:

Desejolle muta saude eu bom. Ca recebi a triste noticia que tu murrrestes mas ainda não sei se é verdade só vi dizer ao Simão João que estava no Lobito. Mandame avisar se é verdade para eu aparecer ai. O mesmo Simão João leva alguns cacusos para ti e noça familia. O meu prufeçor tambem anda por baixo da cama duente. Não falta resposta. — Teu filho,

Domingos Vunge.

Muxema 20 de Angosto de 1932.

Como vêem é um bom pratinho de meio! Felizmente, dirão V. Ex.<sup>as</sup>, que estas coisas não se escrevem cá na nossa terra. E nós responder-lhe-emos assim: escrevem, sim senhor; e em jornais que teem mais responsabilidades. Para comprovar, vamos transcrever uma notícia do *Comércio do Pôrto*

Em Carrazeda

### Um crime de morte

CARRAZEDA, 21 — Ontem, á noite, no sitio de Santo Ovidio, a dois quillometros desta vila, envolveram-se em desordem varios individuos, de Marzagão, resultando da refrega a morte de José Augusto, de 27 anos, jornalista, que foi assassinado, á navalhada, por Francisco de Sousa.

O motivo do crime foi uma questão de mulheres.

O morto foi conduzido ainda com vida, para esta vila, onde se procedeu á autopsia.

A Guarda Republicana procura o criminoso. — C.

Está provado que as coisas lá por Carrazeda não andam muito boas. Há mortos com vida, e autopsias feitas com os desgraçados ainda a bulir.

Será o Ribas que tem a seu cargo a secção das províncias?

Agora um comunicado do *Jornal de Notícias* de 14 dêste mês.

### Pedido

Eu abaixo assinada, peço o favor á senhora Maria dos Prazeres, casada com o sr. Manuel Teixeira, guarda na estação de Campanhã e residentes em Ermezinde, para esta senhora, infel ao seu marido, não perseguir o meu, com quem mantem relações apesar deste pretender desviar-se e que ela o persegue constantemente, como é do conhecimento de seu marido, sr. Teixeira.

Porto, 13 de Fevereiro de 1933.

D. Maria Paula Pinto

Moradora na Rua de Justino Teixeira — Campanhã.

E' engraçado, não é? Pela nossa parte, confessamos que poucas vezes temos visto chamar tantos nomes feios em tão poucas linhas. E êste senhor Teixeira, que, segundo a notícia, é guarda na estação de Campanhã, não se importa muito com as entradas e saídas de pessoal estranho ao serviço. O que êle quer é as vias desimpedidas e a circulação a fazer-se sem perigo de choque ou derrailamento. O que nós não sabemos é o que êle fará, se chega algum outro Teixeira em via reduzida. E' capaz de julgar que é algum volume que vem com o nome do destinatário errado.

Mas a verdade é esta: que diabo temos nós com que a locomotiva do sr. Teixeira não tenha vapor suficiente para pôr o combóio em andamento? Nada, não é assim. Já o mesmo não poderá dizer a signatária do pedido porque lhe vê faltar o carvão em casa, e o seu homem ser como um combóio de mercadorias que *lega* quando *lega*.

Agora, outro anúncio do conspícuo *Diário de Notícias*

### Casamento

DESEJA-O cavalheiro solteiro, pobre, empregado, anos 30, de comunhão diária senhora solteira ou viuva, com qualquer

ofício ou fortuna, até 50 anos. Carta a este jornal ao n.º 179.

Isto é o que se chama ter religiosidade! Comunhão diária com uma mulher até 50 anos!...

Irra!!!... Que já é ser papa-hóstias.

E finalizamos com uma notícia do *Século*

### Um fenomeno

MONDIM DE BASTO, 3. — C. — No lugar de Vilar de Viando, uma galinha, que foi morta, pertencente ao sr. Manuel Joaquim Santelos Pinto, tinha, no ventre, quatro pintos em estado de embrião, um dos quais já com bico. O caso produziu natural surpresa.

Donde se deprenderá que os ovíparos vão passar a ser mamíferos. Cá em casa temos uma galinha também, que vamos levar imediatamente ao Raio X. Quem sabe também se êle não terá dois pintos dum ventre? E pelo sim pelo não, vamos mandar comprar um biberon, porque a desgraçada mã se há de ver em talas para poder dar de mamar a dois ao mesmo tempo. Quatro filhos dum ventre?!... Apre que já é ter galinha!...

A-pesar-de tudo esta galinha pertence a um Pinto.

J. d'A.



## Papelaria MARIZ

53, Rua das Oliveiras, 55 — PORTO

(Junto ao Teatro Carlos Alberto)

Bons papeis de carta, 50 fôlhas e envelopes, caixa a 2\$20, 2\$80, 3\$00, 3\$50, marca Tango a 4\$20, outros a 5\$00, linho finíssimo a 6\$50 e 8\$00. Papeis de fantasia, lindíssimos, desde 6\$50 a caixa.

Cadernos para estudantes da Universidade, Liceus e Institutos, em quarto, óptimo papel, de 20, 40, 80 e 100 fôlhas a \$50, 1\$00, 2\$00 e 2\$50, com lindas capas em côres.

Façam as suas compras, sem demora, que protegem os seus interesses.

# Carnaval!

Ei-lo por essas ruas, esfarrapado, exangue, torpe, sem sentido, a exalar os últimos suspiros. Na manhã de quarta-feira, os varredores da Câmara juntarão os últimos lixos do último carnaval. De mistura com as serpentinas e *confetis*, irão pierrôs de farrapos, colombinas, caracas e batons... A rir, a rir às gargalhadas, a última máscara, ainda ébria, enterrará no coração um punhal! Estorará, assim, no ano da graça de 1933, Sua Magestade El-Rei Carnaval!

Esta pobre humanidade que fez a Guerra, já não pode rir! Tem ainda nos ouvidos, como trágica ressonância, o troar do canhão! Agora as máscaras são outras e em vez de serpentinas joga-se a sorte dos povos em agonia. Mussolini, Staline, Hitler, Azaña... — eis os domínios que a humanidade olha de soslaio, entre admirada e sorridente. Quem sabe lá o que vai ser a quarta-feira de Cinzas desta doida Humanidade! Entre nós, Zé Povinho, *Faz Tudo* da vida nacional, já não tem a vida que lhe deu Bordalo, o seu inspirado criador. E' um boneco parado, de riso inexpressivo. Assim como a esfinge se eternizou na expressão do mistério, Zé Povinho cristalizou no sorriso que não diz nada. E' um sorriso à toa, um sorriso como há tantos. Não crê, nem deixa de crêr. Falam-lhe em salvação? Sorri! Ciciam-lhe ao ouvido palavras de esperança? Sorri! Profetizam-lhe desgraças, horrores, cataclismos? Sorri! Sorri sempre! Não é um sorriso; é a reflexão de um sorriso nas águas de um lago gelado! Faz friol

# Carnaval!

Entanto há quem espere... Nas mesmas montras de sempre, entrelaçadas em serpentinas, exibem-se as máscaras, sempre as mesmas... Um saldo de máscaras! — Entrem e vejam, meus senhores!

Cá está o Camacho, cá está o Leal, o Ramadinha e Mestre Afonso! Zé Povinho, olha a montra... e sorri. Sorri sempre. Não vive. Morreu num sorriso! Dir-se-ia o cadáver de um palhaço em movimento pela corrente eléctrica!... Vai assistir a sessões solenes. Ouve discursos patrióticos. Falam-lhe de Gamas e Albuquerque... Sorri. Aos seus ouvidos chegam em tropel os ecos de grandes batalhas: Aljubarrota, Valverde... E mais uma vez, sorri. Metem-lhe debaixo da porta livrinhos clandestinos onde a palavra *Lenine* abunda em grandes caracteres...

Olha as letras que teem para êle tanto sentido como se não tivessem saído dos caixotins das tipografias... e sorri.

Fala pouco e sempre com a voz debíl do boneco que tem a corda gasta. Passam por êle o filantrópico Sr. Lopes, gordo, anafado, e o Dr. Burro, grande sábio da nossa praça...

E logo Zé, automaticamente, leva um dedo ao olho arregalado, dizendo num fiozito de voz mecânica:

— Bem vos conheço, ó máscaras! Zé Povinho!

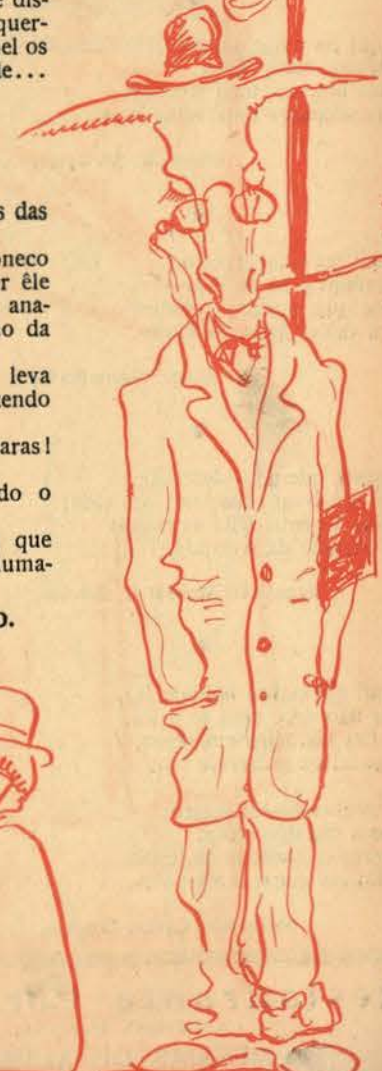
Acabou o Carnaval para todo o sempre...

Só tu viverás mascarado até que chegue a quarta-feira de cinzas da Humanidade!

Octávio SÉRGIO.



OCTAVIO  
SERGIO  
1933







# AQUI JAZ

Continuação do concurso da **MARIA RITA** 50\$00 ao melhor epítáfio publicado

Nesta cova triste, e fria,  
Repousa o João Proença;  
Levou-o a Morte um dia,  
Sem ter pedido licença.

Remetente: Lérias.

Aqui jaz um bom amigo  
— Manuel Maria de Matos —  
Que morreu muito atacado  
Co'uma camada de... gatos.

Remetente: Manuel L. Pereira.

Aqui jaz o sapateiro  
Mexias Alina Moto  
Que morreu, inda solteiro,  
"Tombando" uma velha bota.

Remetente: Só Darco.

Aqui jaz o taberneiro  
António José de Pinho  
Que quis matar o caixeiro  
Por deitar água no vinho.

Remetente: Monteiro II.

Aquele que aqui descansa  
Foi um bom *chauffeur*, em vida;  
Tôda a gente deita as culpas  
A' menina da Avenida.

Remetente: Manuel L. Pereira.

Aqui um pobre homem jaz,  
que não sabe bem se o foi.  
— Era Carneiro em rapaz,  
Mas talvez morresse boi.

A mulher nestes dizeres  
Pôs a sua dôr atroz.  
Arranjou quem lh'os fizesse  
E foi ela quem lh'os pôs.

Remetente: Carlos Elmano.

Aqui repousa o Landru,  
Nesta cova funda e fria!  
Viveu a dizer graçolas,  
E asneiras todo o dia.

Levou um lindo entêrro,  
Como era de esperar,  
Com música Offenbach,  
E Severiano a acompanhar.

Do Landru, não mais se fala,  
Salvo se essa linda prenda,  
Tornar a ressuscitar.  
Como a Phenix da lenda.

Remetente: Rei do Orco.

Aqui jaz o latoeiro  
Silvestre Pinto Temudo.  
No ofício era o primeiro:  
— Tinha *lata* para tudo!

Remetente: Adriano X. Nel.

Aqui jaz o actor Valério  
A quem fei dois capotes  
Que morreu em cena, a sério  
P'ra não pagar seus calotes.

Remetente: Sô Dares.

Aqui jaz o salchicheiro.  
Zé Gordo (que nem um ôdre)  
Que morreu intoxicado  
Com o cheiro da carne pôdre.

Remetente: Henrique Cardoso.

Aqui jaz um tal Doutor  
Anacleto Avelar,  
Tinha um "papel de valor".  
Que lhe deixava operar.

Temos dó que o eminente,  
Morresse naquela idade,  
Pois, tinha um lugar de Lente  
Cá na nossa Faculdade!

Tinha uma honrosa lista  
De doutor (dos de verdade!...):  
A vinte tirou a vista  
(Não a vista da cidade...)

E em trinta operações  
Poucas coisas sucederam,  
Nuns pequenitos rasgões  
Alguns pensos se perderam...

Remetente: Dr. Casto.

Aqui jaz, neste lugar,  
De ervinhas verdes coberto,  
Um homem que, por amar,  
(Júlio Silva "o Felisberto").  
Em certo dia de asar...  
Morreu com o ôlho aberto.

Remetente: Onaicit.

Aqui jaz Maria do Céu.  
Por comer muita vitela  
Morreu agarrada ao piteu,  
Com o nariz na panela.

Remetente: Octávia Maria.

(Continua).



## Colcheias e semifusas

Pelo sr. Manuel Tino, compositor portuense de tino e de inspiração, foram-nos enviados dois *one-steps* da sua autoria. "O' Miquelina", assim se chama a graciosa e interessante produção, é saltitante e cheia de alegria. Cá na redacção, tem sido uma pândega. Tudo dança minha gente, ao som da *Miquelina*. Dois beijos e um obrigado.

## Restaurante Portuense

(ANTIGO PINTO)

DE MESSIAS DE ALMEIDA

Rua de Entreparedes, 11—PORTO

Almoços com vinho . . . . . 9\$00

Jantares com vinho . . . . . 10\$00

Diárias com quarto desde . . . . . 18\$00



# FOLHAS DE ALFACE

## CARTAS DA CAPITAL

Minha querida MARIA RITA:

Foi horrível, horrível, horrível...

A orelheira de porco estava deliciosa, e o feijão encarnado era uma encarnação amantegada da gula. Mas eu comi demais. Comi tanto, que nem que um suíno fosse todo ouvidos poderia fornecer as porções de orelheira que devorei. Comi tanto, que quando acabei nem me cabia um feijãozinho no coração. E depois, a tasca onde fora atascar-me, levado pelas complicações do acaso com o meu desvario de folião, fornecia um tinto rascante, sólido, espesso, e escuro, — tão escuro, que se diria um tinto de escrever. Como podia um escritor resistir-lhe! Eu, não lhe resisti... É comi, e bebi, e enguli, — até sentir que a minha boca e a boca do estômago eram duas bocas unidas... Romântica, a minha musa, comparava o meu esôfago a uma estrada alentejana, por onde muitas varas de porcos, entre semeadores de feijão, passaram interminavelmente a caminho de lares e conchegos, banhados pela tina (era o tinto...) crepuscular.

Quando me trouxeram a conta, — que era de peso e não comidada — já eu não a via. Ou via, em vez da soma, uma dobrada que já não cabia em mim, nem no meu orçamento. Mas cuido que a paguei. E sei de fonte segura que a paguei caríssimo...

Sim. Porque depois de comer, por muito estranho que te pareça, — levantei-me. E, ainda que me suponhas mentiroso, saí para a rua.

Lembro-me bem. A noite também andava pela rua, mascarada de onda de frio. E tudo eram ondas. Ondas de luz mortíca a transbordarem de tabernolas iluminadas a *pitroline*... As ondas do meu cabelo desmaiadas e bambas sobre o meu nariz... Ondas de gente arrepiada e sonora a grasnar no passeio... E as ruas às ondas, às ondas, com as calçadas a precisarem de meias solas. Firmei-me em duas muletas de gelatina que tinham sido em tempos as minhas pernas. E evoquei grandes exemplos. Sim. O frio *terrível* lembrava-me Albuquerque; o mistério tormentoso da noite sugeria-me Bartolomeu Dias. Esses, e muitos outros, tinham ido longe, muito longe, — e nunca foram a direito. Era sempre de esquelha, descaído para a direita, orçando para a esquerda; ora se punham na alheta de bombordo, ora na de estibordo; sotavento, barlavento, barla, barla, e rodopia; com grandes gaseiros no cesto da gávea, — que era o cesto dos papéis heróicos —; e lá iam, e lá foram, sem se irem abaixo dos gurupés.

E assim fui, ou assim vim, guiando-me pelo lume dos Estrelas-Camões, a bordejar, a bordejar, com um faro avito, lento e sinuoso como os heróis de antanho. E assim galguei, na treva, os oito lanços da minha escada, em oito combates com as sombras, tombando por terra arneses de inimigos que me serviam de degraus, e arrostando, sem máscara, com as bélicas emanações de todos os gatos lacrimogénios que enxameiam a minha rua — e fazem o resto na minha escada. F assim conquistei alfinim o nível e tépido Vale de Lençóis, — que foi e será o canto da terra mais fecundo em sonhos, será e foi o recanto de que é oriunda a humanidade, — feito um descontento de 10 0/0 para outras soluções do mesmo problema.

Mas a orelheira, o feijão, e o tinto ainda então não me tinham largado. Tinham vindo comigo; estavam no meu quarto; tinham conquistado comigo o meu quarto andar; era também deles a minha Torre de Marfim; transbordavam do meu Pagode.

Por culpa deles, tive logo a noção de que o meu pijama já não era de *popeline* às riscas; formavam-no agora uma camisa de onze varas e umas calças pardas. Enfiar a camisa; meti-me nas calças; e se, contra a fome do pé esquerdo, — a única parte do meu corpo que ainda tinha fome... — o algodão do lençol parecia lino, o pé direito, menos feliz, não teve tempo de descalçar a bota antes de eu adormecer.

Mas não adormeci. Entrei logo, logo, num mar humano, cheio de excitação e de borborinho. Eu ia

no bote; (era, claramente, a minha cama, que é o bote em que a gente vai mais frequentemente, quando sonha...). O frágil batel singrava sózinho; e embora não tivesse motor, eu sentia-lhe em baixo, a servirem de lastro, uns poucos de óleos pesados. Estendendo-me ao comprido, cantarolei a nau Catrineta: deixei descair a perna direita molemente, e senti que a minha bota tinha a sola de mólho.

O borborinho aumentava.

Aquele mar de humanidade, aquela superfície espelhada onde cada palmo quadrado era a cara de uma bête quadrada do meu conhecimento, falava pelos cotovelos que eu não via; era horrível, acredita. Mais vale andar no mar alto do que nas bocas do mundo... Mas eu andava no Mar Alto, (Abrenúntio! Cruzes, canhoto!) e logo por sorte o mar, todo o mar, era formado por bocas do mundo.

Tôda aquela gente tinha lido o que eu te escrevi há tempos a respeito dos provérbios, e, para me amargar a existência, quando passava o meu bote, arreganhava beíçolas e beicinhos desfechando-me provérbios, sentenças, pensamentos, quasi todos meus conhecidos, mas desfigurados por acrescentos vários...

Do palmo de cara de um cidadão que eu conheço, e que tem feito fortuna à custa da energia tenaz com que depena o próximo, saíu à muita passagem este vociferar filosófico: — «A preguiça é a mãe de todos os vícios; — e o trabalho é o Pai...»

A boca de um financeiro que se meteu na política e hoje é «ilustre» em todos os jornais de grande informação, ciciou baixinho: — «Querer é poder pagar...»

Um foliclário pelintra, que tem passado a vida a curtir os azedumes de mil incompreensões, um apostado do pessimismo integral, que eu vejo sempre à esquina de um café, franziu o nariz quando viu a minha proa (refiro-me a proa do meu bote) e desfechou-me: — «O futuro de Portugal está nas Colónias; — quando voltará?»

Um antigo diplomata japonês, que em pequeno tomou muito chá da china, sussurrou voltado para o sol nascente: — «Quem vai à guerra dá, e leva tempo».

A face glabra de um pensador contraíu-se, espremeu-se, e atirou: — «Ninguém diga desta água não beberei, sem a ter provado...»

Era horrível, MARIA RITA. Era horrível. Nenhum mar tinha sido nunca tão tenebroso como aquele — e eu deixara na banquinha de cabeceira, entre várias coisas que me estavam a fazer falta, a minha lâmpada eléctrica que tem pilhas, (destas que ardem porque estão secas).

Era de resto uma treva que eu sentia à minha volta e em mim, mas que não via, — justamente porque via e conhecia tôda aquela gente que a formava.

De repente, o mar convulsionou-se. De cada bôca saíu um jacto multicolor que era filho de uma serpentina e primo coirmão de uma bicha de rabiár.

Peixões-voadores, mais conhecidos por *cocottes*, desataram aos saltos, aos saltos, como cabras a jogarem à cabra-cega. Formou-se lá em cima uma grande nuvem, tôda às riscas, que tinha T. S. F. a avaliar pelos ruídos intestinais que lançava ao espaço; parou em cima de mim, e espalhou uma saraivada bruta de papelinhos.

Dos seus flancos desceu uma legião de diabinhos em pelota, que desataram a fazer-me *chi-chi* nos ouvidos, um *chi-chi* frio de neve e que cheirava simultaneamente a éter e a sabonete barato. Por fim, um diabo maior, que era do sexo feminino, cegou-me um olho com um saquinho em que armazenara, duros e hostis, os únicos feijões que eu não comera com a orelheira.

Souo a trombeta do Juízo Final.

Então, pondo-me de pé no meu bote, saltei para o mar; corri; corri sobre as ondas, às ondas, na escuridão fuliginosa. Corri como um espantalho ensandecido, por um campo assolado e negro.

Corri tanto, que só parei... ao fundo do corredor.

## Arro-urro

O home é feito de barro,  
Se por acaso não erro...  
Mas há-os falsos qual perro  
E outros pior's que um escarro.

Se algum destes eu agarro,  
Faço-o logo dar um berro;  
'M a bandarilha lhe enterro,  
Ou atrelo-o a um carro.

Com certos tipos embirro  
E atrás deles logo corro,  
Obrigando-os a dar urro;

Mas, também, se dou um 'spirro,  
P'las pernas todo me borro  
E dou... baques como um burro!

BISNAU.



O «costumier» Valverde fabricante de mascaras.

## Carnaval dos estudantes

*In illo tempore*, os estudantes do Pôrto, saíam para a rua com o seu cortejo carnavalesco, conjunto de blagues e sátiras, umas vezes felizes, outras infelizes. Não faltavam os comentários à política, as *boutades* e verrinas contra a mestrança insigne.

E era inevitável sempre, um carro alegórico com um formidável penico...

*O' tempo das amoras!* Como tudo, o carnaval dos estudantes estoirou.

Agora o carnaval fazem-no certos mestres, que teem assento na cátedra, impingindo nas lições gato por lebre.

O carnaval dos estudantes! Não se pode dizer categóricamente que tenha acabado.

Mudou, transformou-se. Nas escolas é agora carnaval desde Outubro a Junho.

As máscaras aparecem depois na vida pública, vestidas de doutores...

Em suma: começa a ser uma coisa séria, o carnaval.

Damião de Góis JÚNIOR.

## As nossas máscaras

Este ano transitarão pelas ruas do Pôrto, as seguintes máscaras:

**Dr. Alvaro Machado**, vestido a rigor de professor de Física.

**Dr. Marques Teixeira**, em costume de mestre de equitação.

**Dr. Cristiano de Moraes**, de operador cirúrgico num riquíssimo costume de uretras simuladas.

**Dr. Pires de Lima**, de abôrto em tamanho natural.

**Dr. Leonardo Coimbra**, em riquíssimo costume de Homem Cristo, caracterizado a rigor.

**Dr. Teixeira Rêgo**, vestido de saúde, cantando a saudável extinta (Faculdade de Letras da Universidade do Pôrto).

**Dr. Abel Salazar**, envergando os trajes de Lenine, com nariz postigo e pêra e bigode completamente idem.

**Dr. Carlos Santos**, disfarçado de Pito de tenra idade. Ficarà enfim vingado, porque o público chuchará com êle.

**Dr. Jaime de Vasconcelos**, mascarado de palhete da melhor procedência.

**Dr. Mário de Vasconcelos e Sá**, envergando uma vistosa capa em percalina para as edições completamente esgotadas das suas geografias.

## Pensamentos médicos

Meus rapazes: trago-vos hoje uma comunicação científica em forma de pergunta.

Se podemos enxertar glândulas de macaco em um velho e restituir-lhe assim a mocidade perdida, porque não enxertaremos glândulas de democrático nos monárquicos que infestam o País? Era de experimentar...

Dr. Santos Silva.

O' Eduardo, tu estás maluco!  
Os democráticos já não teem glândulas nem nada!

Dr. Adriano Fontes.

Isso, isso! De enxêrto é que os democráticos precisam há muito.

Já o Zé Domingues não veio ao mundo da Política para outra coisa.

Dr. Veiga Pires.

## NAS Galerias Lafayette

— da RUA FORMOSA — PORTO —

todos os artigos  
teem um cunho  
parisiense inexcédível

AUX GALERIES LAFAYETTE

BARROS



VINHOS DO PORTO  
DE  
QUALIDADE SUPERIOR

## Quem é?

E' um caricaturista  
Quem eu venho apresentar,  
E' um grande, um bom artista  
Dos que sabem desenhar.

E, para o leitor matar  
Basta dizer a revista  
Em que vejo trabalhar  
Este grande desenhista:

E' o director artístico  
Dum semanário humorístico  
Que venceu em Portugal!

Já na CIVILIZAÇÃO  
Tenho visto a aptidão  
Do *Sérgio* piramidal!

Dr. CASTO.

## Anexim

O meu amigo Isaiás  
E' natural de Alenquer,  
Tem muito bons sentimentos  
E melhores rendimentos  
E possui, há já uns dias,  
Uma terrível mulher.

Uma vez, pôs-se chamando  
Pelo Isaiás, — a fera —  
Não obtendo respostas  
Passou-lhe um pau pelas costas,  
Ao mesmo tempo exclamando:  
.....?

Dr. CASTO.

Decifração do número anterior — *Quem é?*  
Aurora Jardim Aranha; *Anexim* «Quem tem medo,  
compra um cão».

*Matadores:* Zé Barão, Reirobi, Francisco  
José Rodrigues, Fantasma Negro, Monteiro II,  
Tom Mix, João Oliveira, Au-Rio, Oinotna.

As soluções desta secção tem de ser entregues na nossa redacção até às deztoito horas de terça-feira seguinte.

## IMPrensa

### “A Hora de Domingo,,

Recebemos a visita do novo semanário de informações, desporto, teatros e cinemas, de que é secretário da redacção o Sr. Américo Teixeira.

Apresenta-se bem redigido e com excelente informação, pelo que gostosamente lhe auguramos um brilhante futuro.

## Quem se mata, morre cedo

Tinha setenta anos e era «podre de rico». O seu único herdeiro era um sobrinho que «não tinha com que mandar tocar um cego», se os cegos não andassem a tocar por essas ruas mesmo sem ninguém os mandar.

Misero e mesquinho, solteiro e sem afeições de espécie alguma, não podendo ver ninguém, vivia só não largando do seu pecúlio um «ceitil» que fôsse.

Um dia a neurastenia deu com êle. Julgava-se perseguido continuamente por hipotéticos inimigos dos seus cabedais e do seu sossêgo. E matou-se. Atou a uma trave uma corda e para ali foi enconrado a cambaleiar, como Judas na figueira.

E' chamado o sobrinho, o pobre sobrinho que atravessava uma vida de privações há tanto tempo. Dão-lhe conta da enorme fortuna de que é herdeiro.

E o pobre, olhando todo o seu passado, filosofou com justa razão:

— E ainda dizem que quem se mata morre cedo!...

## As máximas de Gustavo Parreira

Gustavo Parreira é um amigo meu dado a filosofias. Estuda as máximas, desde as maiores às mínimas, desde Gustavo-le-Bon a La Rochefocauld, desde Félix Pevide a Praxedes.

A prática da vida ensinou-o a corrigir adágios, ditos, frases. Entregou-me o seu trabalho para o dar à estampa. A pouco e pouco o farei, visto que quasi todos os seus remendos foram deitados em «dizeres» tornados de há muito populares.

Por hoje aí vai uma amostra:

Quem paga o que deve, tarde ou nunca se endireita.

Burro és, pai serás.

Nunca faças hoje o que puderes fazer amanhã ou depois.

Guarda que fazer, mas não guardes que comer por que se estraga.

Na terra onde fores, não faças o que vires fazer por que te chamam macaco.

Quem torto nasce, deve ir ao endireita.

Filho de peixe pode ser sardinha.

Antes que cases arranja mulher.

O burro não vai à feira se lá o não levarem.

Quem se mete por atalhos não pode ir de carro eléctrico.

Os amigos do alheio conhecem-se nos apertos.

Uma frase de Emile Zola:  
*Fechei as portas do mundo atrás de mim e dei as chaves pela janela...*  
Depois teve de chamar um serra-lheiro.

Ruy de ORTEGA.

## O marido cândido

À Dona Aurora

*D'Inês o jovem espôso,  
Tendo de fazer jornada,  
Assim, à cara metade  
Diz com voz apaixonada:*

*«Sede honesta, Inês querida,  
Ninguém goze os teus carinhos  
Se alguém os gozar, me nascem  
Na cabeça uns sinaizinhos».*

*Sinaizinhos?, disse a bela,  
Vai meu bem e tu verás  
Como ao volver, mais constante,  
Mais fiel tu me acharás.*

*Parte o pateta, e volvendo  
A' bela corre estremo,  
Que lhe diz a frente olhando:  
Como tu és mentiroso.*

O Anibal das PEGAS.

Para Pintar Use aredes

**MURALINE**

RUA DO ALMADA, 30-I.º — Tel. 2571

uma tinta que se

prepara em 10 minutos  
seca em 10 horas  
dura 10 anos

# Aquilo que nós sabemos

## Grande Concurso Poético da MARIA RITA

*Para a quadra que estava feita na nossa redacção e que era do teor seguinte:*

Roupa branca não precisa  
Quem levar dote p'rá boda  
Basta a fralda da camisa  
*Tôda rota, tôda, tôda.*

*Recebemos as seguintes quadras:*

De onde é que tu vens, Maria,  
Com tua saia de roda,  
Que a trazes (quem tal diria?)  
*Tôda rota, tôda, tôda?!...*

(Santo Tirso).

**Adriano X. Nel.**

Casou-se o Chico Vieira.  
Fui convidado p'rá boda  
Mas trouxe a minha trincheira  
*Tôda rota, tôda, tôda.*

**Monteiro II.**

Era tão pobre o bom Gil  
Que casou sem fazer boda,  
E foi co'a noiva ao Civil,  
*Tôda rota, tôda, tôda...*

(Aveiro).

**Olegna.**

Que grande sova eu preguei  
Na noiva, ao findar a boda!  
Dei-lhe tantas que a deixei  
*Tôda rota, tôda, tôda!...*

(Aveiro).

**Angelo.**

Foste ao meu casamento;  
Assististe à grande boda;  
Ficaste com a casaca  
*Tôda rota, tôda, tôda.*

**Só Darco.**

A saia que ontem te dei  
P'ra assistires à minha boda  
Já hoje m'a apresentas  
*Tôda rota, tôda, tôda.*

**Henrique Cardoso.**

Quando casou a Luísa  
Houve em casa grande boda;  
Sei quem lhe viu a camisa  
*Tôda rota, tôda, tôda.*

(Gaia).

**Sepol.**

Pobre Maria do Céu  
Por comer de mais na boda  
Ficou de pernas ao léu  
*Tôda rota, tôda, tôda.*

**O. Maria.**

Por não ter dinheiro enfim,  
Casou-se pobre, sem boda...  
Fêz-me pena vê-la assim:  
*Tôda rota, tôda, tôda!...*

**Alfredo Cunha (Raza).**

Inda te lembrás, Luísa,  
Da noite da nossa boda?  
Sim; deixaste-me a camisa,  
*Tôda rota, tôda, tôda!...*

**Zé Barão.**

Era nova a camizinha  
Que vesti na minha boda:  
Ficou logo — coitadinha! —  
*Tôda rota, tôda, tôda!*

**Rosa Caraga.**

Se a minha pura nobreza  
Não tivesse origem goda,  
Era *linhagem* — certeza! —  
*Tôda rota, tôda, tôda!*

**Serrão de Encerrabodes.**

Se tôda a mulher precisa  
De ir inteirinha p'ra boda.  
Não pode levar camisa  
*Tôda rota, tôda, tôda.*

**Lizé.**

Foi logo a seguir à boda,  
que a noiva sem se despir,  
ficou sem poder fugir  
*tôda rota, tôda, tôda.*

**Lili Alves de Sousa.**

Topei-a de madrugada  
Após terminou a boda,  
Estava tôda esfarrapada,  
*Tôda rota, tôda, tôda.*

**Reirobi.**

Era bonita figura,  
Andava sempre na moda.  
Hoje vive na amargura...  
*Tôda rota, tôda, tôda.*

**Onaicit.**

O filho do Zeca Quinha,  
Depois de acabada a boda,  
Pôs a mulher, coitadinha,  
*Tôda rota, tôda, tôda.*

**T.**

O filho do Zé Carvalho,  
Depois de acabada a boda,  
Pôs a mulher num frangalho,  
*Tôda rota, tôda, tôda.*

**Tripeiro (de gema).**

O Manuel Zé Pancada  
No dia da sua boda,  
Pôs sua noiva, coitada,  
*Tôda rota, tôda, tôda.*

**Tónio.**

*E agora toca a glosar esta:*

.....  
.....  
.....  
*Dou só três e viva o velho*

Os prémios são os seguintes: semanalmente 30\$00 esc. para a quadra que mais se aproxime à que ficou na nossa redacção 20\$00 esc. à quadra mais engraçada.

## Rua das Musas

### Resultados finais do Concurso de Glosas

Damos a seguir a relação dos concorrentes premiados neste concurso, conforme as bases publicadas no nosso número 23.

Com direito ao primeiro prémio — um despertador absolutamente de preciação para quem se levantar cedo, ou uma assinatura anual da MARIA RITA:

**ADRIANO X. NEL**

que por êste meio é eleito poeta máximo da MARIA RITA.

Com direito ao segundo prémio — uma assinatura semestral da MARIA RITA: **Lizé, Zé da Sé, Adriano X. Nel, Sepol, Olegna e Amaral.**

Concorrentes com direito ao terceiro prémio — uma assinatura trimestral ou uma regueifa de Valongo: **Amaral, Elmano Otrebla, Ardotos, Cagancho, Biturino, Olegna, Zefiro, Tito, Alfredo Cunha e Tripeiro (de gema).**

Queiram, portanto, os premiados, mandar-nos dizer o que preferem, para serem imediatamente servidos.

## A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, 14 ADEGAS: R. do Bom Jardim, 361-364 (Esq. da Trav. de Liceiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195; R. do Teatro S. João, 91 (Vulgo Cima de Vila); R. de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5502; R. da Constituição, 1395; Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484; L. Campo Mártires da Pátria, 54-55 (Vulgo Cordoaria); L. Maternidade Júlio Denis, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno); Trav. da Bainharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores), Telef. 905; R. Anselmo Braancamp, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 238-242, Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos. EM VALADARES — R. da Estação



## OS EXPLORADORES DA SELVA

Fita de nastro de pavorosa milimetragem, impressionada à vista do público, que fica muito impressionado. — 100 % falada e 100 % muda... para outro sítio — ou sejam 200 % sólidos, o que é um juro muito remunerador, mesmo para exploradores...

PERSONAGENS: Os que forem aparecendo... e desaparecendo

*Ao escurecer a sala, vê-se (ver às escuras — que grande parvoice! — mas é assim, e pronto) vê-se no écran uma clareira muito escura, sem árvore nenhuma, as quais árvores estão à volta dela, de mãos dadas, a dansar o Paspalhão. Ali mais para diante, há um lago, onde se vê jacarés, tubarões, sardinhas, camarões, e outros peliscos saborosos e perigosos.*

*Quando começa a correr a fita, está tudo parado. Depois é que se mexem. O operador, agarrado à lanceta, digo, à manivela, espera... pela pancada. Passa uma alifanta, dando de mamar a um miúdo. Cumprimenta com um gracioso sorriso, que lhe põe a descoberto uma fiada de dentes pequeninos e brancos como pérolas. (As alifantas não usam pérolas verdes...).*

O AJUDANTE DE OPERADOR:

Acho que aquela madama  
E' em extremo delicada;  
Mais que qualquer lusa ama...  
Mesmo dando ao filho mama,  
Sorriu p'rá rapaziada!

*(o operador continua a dar à manivela.)*

*UM COMPARSA, que toma banho, é agarrado por um bicharoco, e põe-se a berrar:*

Socorro!... Falta-me o pé!  
Quem é que me estende a mão?!...

OUTRO COMPARSA, abordando-se:

Se calhar, é jacaré...

O PRIMEIRO:

Não é, não!... E' tubarão!

*(e esconde-se debaixo da água). (E o operador sempre à manivela: zuca que zuca!)*

*Aparece uma giboia engraçadíssima.*

OUTRO COMPARSA:

Foi pena não vir's mais cedo,  
P'ra susters's uma tramoia;  
Pois que tu, se metes medo,  
Não deixas de ser gi... boia...

*A giboia aproxima-se do tipo, enrosca-se a êle, escarrapicha-o todo e começa a tasquinhá-lo, como se fôsse um jasuíta de fruta.*

OUTRO COMPARSA, para o operador:

Mas que grande inspiração  
Que teve o nosso patrão,  
Em vir p'ra êste sertão!...  
— Isto vai ser um fitão!

*Uma sogra, — vulgarmente conhecida por pantera — aproxima-se do comparsa, cumprimenta-o com tôda a galantaria e, com muito geito, catrafila-o por uma perna, arrastando-o para o interior da selva.*

O COMPARSA:

Patrão: cá vou de viagem,  
E viagem bem catita...  
Não despreze esta passagem  
P'rá fita!

*(e o operador sempre: bumba que bumba!)*

O AJUDANTE:

Entro eu agora na cena,  
Sem laivos de gabarola...  
A *troupe* era tão pequena,  
Que já se foi à viola!

*Avança para a beira do lago, onde um interessante crocodilo, com lágrimas nos olhos, o fita — mas que fita! — comovedoramente. O ajudante agarra-lhe na língua — por acaso o crocodilo tinha a bôca aberta, o parvo! — e o jacarezinho, retribuindo a gentileza, agarra-lhe, digo, aboca-lhe o braço.*

O AJUDANTE, indo a reboque, com um grande rebaque:

Patrão: acabe a filmagem!  
Dissolveu-se a companhia...  
Se não se pôe já na aragem  
Nem a alma lhe aproveitam!

*(não rima, mas assim mesmo é que é.)*

*Palavras não são ditas, chega-se um bando de peles-côr-de-rosa. O que vem na frente, um rapazito de 2<sup>m</sup>, 339 de altura, aproxima-se do operador e, com um pequeno canivete de metro e meio, corta-lhe a cabeça de um trago. Com um poutapé, faz rolar a coixa piasante até à borda do lago. (Isto, quando a cabeça chega à borda, já nada evita que entre p'ra dentro!)*

O OPERADOR, correndo atrás da cabeça:

O' seu... az do futebol,  
Não brinque co'a minha tola!  
Se quiser meter um gol,  
Vá arranjar outra bola!

*Como larga a manivela, acaba-se a fita. Pateada geral.*

BISNAU.



### CARTAZ DE HOJE

*Sá da Bandeira:* Espectaculo de carnaval com as revistas *Pim-Pam-Pum* e *Ah! ah! ah! não me posso ter com riso.*

*Revista:* Espectaculo de carnaval pela *Troupe Lusitana Violetas.*

*Olimpia:* A luxuosa cine-opereta *Príncipe da Arcádia.*

*Trindade:* A divertida comédia *O Rei dos Vigaristas*

*Batalha:* Os alegres filmes *Os galho-feiros* e *Um homem de casaca.*

---

---

# SEXTO CONCURSO DA "MARIA RITA"

---

Enquanto não iniciamos a segunda série do

## Grande Concurso de Pim-Pam-Pum

---

---

cuja lista de prêmios tentadores estamos a confeccionar, vamos entrar num outro concurso a que chamaremos, em face da enorme crise que se atravessa, o

## CONCURSO DUM BOM JANTAR

---

---

o que será acreditado se acrescentarmos que este concurso é levado a efeito com a colaboração gentil do ACREDITADO E ANTIGO

## Restaurante Madrileno

---

---

da RUA SAMPRIO BRUNO desta cidade.

---

Semanalmente serão distribuídos graciosamente aos leitores da MARIA RITA **50 JANTARES** que o RESTAURANTE MADRILENO servirá contra a entrega duma senha numerada.

---

O CONCURSO DUM BOM JANTAR começará já no próximo sábado, sob as bases que nesse número inseriremos.